



A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS(EJA): UMA NOVA PERSPECTIVA PARA A COMUNIDADE QUILOMBOLA SÃO ROQUE

SÍLVIA REGINA TEIXEIRA CHRISTÓVÃO

Mestranda em História pela Universidade Federal de Pelotas/ UFPel

silviachristovao@gmail.com

Eixo temático 02: Sujeitos da Educação de Jovens e Adultos e Diversidade relatos de experiências

RESUMO

O presente artigo faz parte de um estudo realizado para obtenção do Título de Especialista em Educação para a Diversidade com Ênfase em Educação Jovens e Adultos, (EJA) na comunidade quilombola São Roque/SC. Busca-se analisar as causas determinantes da evasão escolar entre os habitantes desta comunidade, assim como compreender as perspectivas da (EJA) para esta comunidade e a forma com que a mesma poderá contribuir para o enriquecimento da comunidade quilombola São Roque dos Municípios de Praia Grande SC e Mampituba RS. De maneira específica, buscamos diagnosticar o contexto social da comunidade, destacando seus saberes, investigando a relação dos saberes quilombolas com a EJA e elaborando reflexões sobre o desafio da EJA frente as perspectivas pedagógicas do contexto escolar desses sujeitos. O trabalho será de cunho qualitativo e quantitativo, com o trabalho de campo realizado na comunidade de São Roque /Pedra Branca, com aporte em fontes bibliográficas pertinentes, através de livros, dissertações, teses e artigos, assim como, entrevistas estruturadas e semiestruturadas. Os resultados pontuam que as causas da evasão escolar, estão relacionadas principalmente com fator econômico, ou seja, com a necessidade dos entrevistados em contribuir na renda familiar. Compreende-se, no viés dessa análise, que as causas da evasão escolar também estejam relacionadas com o contexto ao qual a EJA vem sendo ministrada. Nesse artigo pontuaremos apenas a parte qualitativa da pesquisa realizada.

Palavras- chave: EJA. Quilombo. Educação. Evasão Escolar.

Introdução

Sobre a constituição do quilombo São Roque até o início desse século poucas referências tínhamos, sua organização segundo algumas pesquisas remetem ao século XIX, alguns aspectos já foram levantados em pesquisas anteriormente feitas através de narrativas da própria comunidade que comprovam esses indícios. Moura (1993) aponta que a escravidão no Brasil apresenta características peculiares em relação aos demais países e regiões da América. Apesar da grande extensão do território brasileiro o escravismo foi distribuído em diversas regiões geográficas, em proporções variadas e em tempos diferenciados.

Mas, em toda a História da escravidão os negros mostravam-se insatisfeitos contra



esse sistema de exploração. Resistiam e se manifestaram de diversas formas. Reis e Silva (1999) distinguem as formas de resistência física (fugas, revoltas e Quilombos) e resistência do dia a dia (roubos, sarcasmos, sabotagens, assassinatos e abortos). Essas manifestações de resistência expressam a esperança de liberdade diante do fardo da escravidão. Uma das formas de luta do povo negro escravizado foi a fuga das fazendas e a formação dos Quilombos. Conforme Moura (1993) os quilombos surgiram como um sinal de protesto as condições desumanas e alienadas a que os escravos estavam sujeitos.

Segundo relatos dos moradores¹, seus ancestrais resistiram à condição de cativos e refugiaram-se no local, formando um território independente, no qual, libertos do trabalho escravo, viviam de forma comunitária, com regras e regime de trabalho diferenciado.

FERNANDES (2006, p.132/144), confirma ao descrever a formação da comunidade:

[...] São Francisco de Paula de Cima da Serra (por vezes chamada de Cima da Serra ou, simplesmente, de São Francisco) é a região da Serra Geral que está conectada histórica e geograficamente à comunidade São Roque. São Francisco, com suas grandes extensões de campos naturais e florestas de araucárias foi região de produção pecuária, onde viviam escravos e senhores que são referidos pela memória dos membros da comunidade. Os Monteiros, os Nunes e os Fogaças, afirmam, eram os senhores de seus antepassados. Os ora fugidos, ora ao alcance do domínio senhorial, os escravos [...] das fazendas de São Francisco de Paula tinham sua mobilidade autorizada pelos senhores locais. Muitos deles, a mando de seus senhores [...] desciam dos campos de Cima da serra para cultivar as férteis várzeas e planícies da região litorânea, na localidade conhecida como Roça da Estância [...] atual Mãe dos Homens, que é uma localidade de roças vizinhas à São Roque. [...] e, assim, após a colheita a produção era levada, seja a pé, seja em mulas, para Cima da Serra. [...] então, de fato, os escravos, se deslocavam da região serrana para a região litorânea, a fim de cultivar as terras.

Assim, a Pedra Branca/ São Roque tornou-se mais que um lugar de refúgio para os escravos fugidos, pois muitos tinham certa mobilidade, deslocavam-se em momentos distintos, levando suas mercadorias e trazendo o que lhes faltava dos campos de Cima da Serra. O espaço de São Roque apresentou uma série de particularidades, que, na época possibilitou o processo de territorialização, sendo assim,

¹ A Comunidade Quilombola São Roque ou Pedra Branca conta hoje com aproximadamente 60(sessenta) famílias cadastradas, mas apenas 26 (vinte seis) residem na comunidade, sendo destas 26, 5 (cinco) possuem suas residências em sobreposição aos Parques Nacionais.



ali poderiam usufruir a liberdade cerceada². Diante dessa perspectiva, tanto em “tempos idos”, como na atualidade, mais que um refúgio para os negros, os quilombos consistem em reunião de homens e mulheres que se recusaram a acostumar-se com o regime de escravidão, e que constituíram laços de solidariedade na recuperação de sua dignidade legitimando sua identidade. Identidade essa, que se mescla com a territorialidade. E ainda assim, após a abolição a luta pela continuação ou aquisição do território permaneceu, pois o que se viu foi à modificação apenas nos nomes e nas formas de expropriação.

A Comunidade Quilombola de São Roque localiza-se nos atuais municípios de Praia Grande (litoral sul do estado de Santa Catarina) e Mampituba (litoral norte do Rio Grande do Sul), Associação Remanescentes do São Roque foi criada no ano de 2003 e certificada como Comunidade Quilombola pela Fundação Cultural Palmares (nº. IBGE 4213807, de 10/12/2004). Possui processo de regularização territorial em andamento pelo INCRA (Processo nº. 54210. 000262/2005-41)³. Das 65 (sessenta e cinco) famílias registradas na Associação dos Remanescentes de Quilombo São Roque, 26 (vinte seis) vivem na área (NUER, 2006, p.132). A questão identitária Fundamental na vida das comunidades tradicionais, nesse sentido a Comunidade Quilombola São Roque aposta na afirmação da sua identidade a fim de fortalecer a luta pelo seu reconhecimento e permanência neste território demarcado. A demarcação territorial se configura como uma questão de afirmação central para os quilombolas e também complexa, pelo fato de parte de suas terras estarem sobrepostas aos Parques Nacionais Aparados da Serra e Serra Geral⁴.

Dados da Fundação Cultural Palmares, do Ministério da Cultura⁵, declaram que

²“Liberdade cerceada” Utilizada no relatório Antropológico Quilombos no Sul do Brasil Perícias Antropológicas. Boletim Informativo do NUER. Vol.3 – nº 3. 2006. Como sendo que os escravos que deixavam os campos de Cima da Serra, para plantar nas rocas da Estância vinham com o consentimento do seu senhor, ou seja, eram liberados para vir, mas sob o julgo de seus senhores.

³I Seminário Comunidades Quilombolas e Unidades de Conservação: aspectos socioculturais e ambientais – Florianópolis, 07 e 16/12/2010.

⁴A dissertação de mestrado de MARIA DAS GRAÇAS SANTOS LUIZ BRIGHTWELL. OS PARQUES NACIONAIS DE APARADOS DA SERRA E SERRA GERAL E O MUNICÍPIO DE PRAIA GRANDE/ SC: DIMENSÕES ESCALARES E CONFLITOS. Florianópolis, 2006. Traz contribuições significativas, menciona a criação dos parques nacionais.

Para saber mais à respeito da temática das estratégias de proteção da natureza no Brasil ver: José Augusto Pádua. Um sopro de destruição. Pensamento político e crítica ambiental no Brasil escravista (1786-1888). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

⁵Comunidades Remanescentes de Quilombos. Disponível em: <http://www.palmares.gov.br/>. Acesso em: 15/03/2015.



existem cerca de 3.754 comunidades remanescentes de quilombos no Brasil, identificadas com maior concentração nos estados do Maranhão, Bahia e Minas Gerais. Nessas comunidades remanescentes de quilombos, 1.561 escolas de ensino fundamental e 57 de ensino médio (INEP,2009, p.2). Estas informações sobre a realidade das escolas de Educação Básica localizadas em regiões quilombolas ou que atendam essa parcela da população demonstram que ainda são insuficientes, sendo necessárias políticas públicas que garantam a permanência e o aumento na implantação de escolas quilombolas.

Segundo relatos dos moradores da comunidade quilombola São Roque, as dificuldades para se manterem em um território demarcado contribuiu para a saída de algumas famílias deste local, assim como os filhos e filhas, dos que permanecem na comunidade, o que se observa é que na comunidade se encontra poucos jovens e crianças, dado justificado pela falta de trabalho, pela falta de escola e pela localização. A comunidade está localizada em uma área distante da cidade o que dificulta a chegada dos alunos até a escola.

Acredita-se que este trabalho aborda uma temática pertinente, que poderá trazer resultados positivos para os membros da comunidade, pois a partir das análises realizadas na comunidade através das entrevistas elencaremos que a evasão escolar decorre principalmente do fator socioeconômico, quando crianças nossos entrevistados precisavam trabalhar nas lavouras, para fomentar a economia familiar. Com o passar dos anos, muitos não conseguiram mais manter-se apenas como o que as lavouras lhes proporcionavam, acabaram deixando a comunidade, instalando-se nas áreas precárias da cidade, os que permaneceram, gostariam de dar continuidade com os estudos, mas segundo a fala de alguns moradores que entrevistamos esse processo parece estar desassociados das suas realidades.

Entrevistas demonstram que o retorno à escola depende muito da forma como a mesma articula seus conteúdos e também qualificam seus professores em relação às suas práticas. Nas palavras de uma entrevistada: “*A escola ensina o que tu nunca vai usar. Queria que ensinasse coisas do dia a dia*” (Cláudia, 40 anos)⁶. A fala de outro entrevistado chama atenção por carregar uma crítica profunda aos padrões educacionais estabelecidos: “*Queria encontrar professores sensatos que esteja disposto a nos ensinar*

⁶ Cláudia Carvalho 40 anos, entrevista no dia 08/01/2015.



sem discriminação” (Wilson, 57 anos)⁷. Compreender a visão da educação para esses sujeitos nos leva a seguinte reflexão:

Este breve relato, fragmento de uma vida, só pôde ser inserido neste artigo em decorrência de profundas mudanças epistemológicas que puseram na berlinda antigos marcos conceituais da História. Velhos modelos explicativos deram lugar a novos olhares. Explicações globalizantes e certezas inquestionáveis foram postas em xeque; as escolas abriram suas portas para o estudo de sua cultura; os sujeitos ganharam cor e as fontes foram ampliadas. Nesse percurso, a vida de sujeitos comuns passou a ser vista como mais uma possibilidade para compreensão da História, da História da Educação e das culturas escolares. (ARAGÃO, 2013, p.29).

Mesmo diante de condições pouco favorável, percebe-se o desejo, na fala da maioria dos quilombolas, em dar continuidade aos estudos não com o objetivo de sair comunidade e construir uma nova realidade em outro espaço social, mas sim aprimorar os estudos com o intuito de melhorar a realidade da própria comunidade, da família e promover a garantia de direitos, acima de tudo, uma valorização de uma identidade quilombola em construção.

Um Novo Olhar Sobre a Educação Quilombola

A educação no Brasil é um fato complexo de ser discutido, em diferentes âmbitos. Nas comunidades quilombolas este fato também está presente, o quilombo do São Roque que se constituiu a partir do século XIX, esteve por muito tempo distante do processo educacional que se constitui um dos principais mecanismos de transformação de um povo e sabemos que é papel da escola, de forma democrática e comprometida com a promoção do ser humano na sua integralidade, estimular a formação de valores, hábitos e comportamentos que respeitem as diferenças e as características próprias de grupos e minorias.

O processo educacional da comunidade quilombola do São Roque, segundo os relatos feitos pela professora Adriana Luiz Pinto⁸, atual professora da Escola Multisseriada Municipal Pedra Branca, teve início em uma casa particular em meados dos anos cinquenta (1954) cedida pelo senhor Idelbrandro Alves, local onde funcionou por determinado tempo. Passados alguns anos o senhor Idelbrando resolveu doar um terreno para construção de uma igreja católica que supostamente serviria como local

⁷ Wilson Nunes entrevistado na comunidade no dia 09/01/2015.

⁸ Adriana Luiz Pinto, entrevista realizada em: 06/01/ de 2015, na escola multisseriada Pedra Branca, na comunidade quilombola São Roque.



para ministrar as aulas na comunidade. A escola funcionava como multisseriada, permanecendo até os dias atuais.⁹ Na Escola da Pedra Branca, a professora atende os alunos do pré-escolar até o 5º ano (quinto ano), como fora em tempos idos, a professora, além disso também prepara a merenda escolar e a limpeza da escola. Esta é uma realidade que ainda está fortemente presente no cenário educacional Brasileiro.

Na década de 1970, durante o processo político ditatorial que o país vivenciava, foi conferida à comunidade uma nova construção, aonde seriam realizadas as aulas. A pequena escola foi recebendo melhorias na sua infraestrutura o que, de certa forma, contribuíram significativamente para os pais e alunos da comunidade na época. Embora, segundo relato dos entrevistados, “*durante esse governo militar nós recebíamos uma merenda que muitas vezes chegava aqui estragada*” (Wilson 57 anos)¹⁰, um dos membros da comunidade. Como podemos observar na fala de nosso entrevistado, as melhorias foram sentidas em determinados contextos, não chegou a contemplar todas as esferas da comunidade, a demora na entrega da merenda escolar, que chegava a comunidade muitas vezes em péssimas condições, quando não sem condições de uso, também contribuíram para que muitos alunos deixassem a Escola, pois estamos falando de educação no campo, quando grande parte dos alunos saem de suas casas, com apenas “um café bebido”¹¹ (Dirceu 62 anos). E a merenda escolar é parte significativa para o desenvolvimento e permanência do aluno na escola. Claro, que não é um fator determinante, mas contribui para que o processo da evasão se consolide. Precisamos pensar em uma educação quilombola que implica, portanto, entender as relações existentes no dia-a-dia das pessoas, a relação entre homens, mulheres, crianças, adolescentes, jovens e idosos e a relação deles com a terra, com o sagrado, com a cultura e com as diversas formas de organização.

De acordo com Paulo Freire (1996), a educação é um ato permanente, nesse sentido a temática da Educação Quilombola deve ser compreendida como um

⁹ As escolas multisseriadas são estabelecimentos de ensino em que um mesmo docente atende estudantes de diferentes idades e séries em uma mesma turma, são marca registrada da educação rural brasileira.

As classes multisseriadas nasce no contexto da educação do campo como uma solução para levar educação formal ao setores rurais que na maioria das vezes não há muita crianças para formação de uma turma seriada, e de acordo com os padrões do sistema é obrigatório haver uma quantia significativa de alunos para que se torne possível regulamentar a matrícula de todos perante Lei. Disponível em: Leia mais em: <http://www.webartigos.com/artigos/as-classes-multisseriadas-no-contexto-da-educacao-do-campo/124765/#ixzz4SdurIBPk>. Acesso em: 01/02/2015.

¹⁰ Wilson Nunes da Silva, morador da comunidade, entrevistado em: 06/01/2015.

¹¹ Relatos dos entrevistado, quando questionados sobre os principais aspectos da evasão escolar.



instrumento para a construção de uma sociedade anti-racista, que privilegia o ambiente escolar como um espaço fundamental no combate ao racismo e à discriminação racial. Tal premissa não se evidencia durante esse período de criação e consolidação da Escola da Pedra Branca e se estende até os dias atuais. O que segue em voga ainda é uma educação que privilegiou e privilegia a cultura eurocêntrica em detrimento aos aspectos étnico-raciais dos diferentes grupos que constituíram a sociedade brasileira.

Diante de todas as questões já mencionadas se entende que a educação quilombola deve ter como referência o diálogo entre o conhecimento escolar e a vida cotidiana local, considerando o desenvolvimento sustentável, o trabalho, a cultura, a religiosidade, a luta pelo direito à terra, ao território e suas especificidades.

É relevante a colaboração de Arroyo (2005), apud Lira (2012, p. 210), pois o mesmo apresenta alguns “traços” que podem incidir na configuração da especificidade deste campo educativo.

- Partir de uma visão realista das e dos jovens e pessoas adultas;
- Partir dos saberes, conhecimentos, interrogações e significados que aprenderam em suas trajetórias de vida;
- Reconhecer que a EJA é um rico campo da inovação da teoria pedagógica;
- Focar sempre na Educação e não no ensino, tendo na educabilidade humana, raiz da pedagogia, sua meta;
- Deixar-se desafiar pelas interrogações oriundas da EJA a partir do seu público alvo, que são jovens e pessoas adultas e seus saberes, valores e culturas populares.

É coerente ressaltar que os traços indicados pelo autor dialogam perfeitamente com os saberes necessários à prática educativa propostos por Paulo Freire, na obra *Pedagogia da Autonomia*, onde esse autor sintetiza o ato de educar a partir de três afirmações: “Não há docência sem discência; Ensinar não é transferir conhecimento; Ensinar é uma especificidade humana” (FREIRE, 1996).

Dessa maneira, o professor deve saber que ensinar é criar possibilidades para construção do conhecimento, para isto, o diálogo entre educador e educando se faz necessário. O professor deve estar aberto aos questionamentos dos alunos deve, também, respeitar seus conhecimentos e suas experiências anteriores.

Em se tratando de uma educação escolar quilombola, a Resolução, nº 8 de 20 de novembro é muito importante para a construção e o fortalecimento da identidade política das comunidades. Na Resolução, nº 8 de 20 de novembro de 2012 que define Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Escolar Quilombola na Educação Básica, fica contemplado que:



§ 1º Na Educação Escolar Quilombola, a EJA deve atender às realidades socioculturais e interesses das comunidades Quilombolas, vinculando-se aos seus projetos de vida.

§ 2º A proposta pedagógica da EJA deve ser contextualizada levando em consideração os tempos e os espaços humanos, as questões históricas, sociais, políticas, culturais e econômicas das comunidades quilombolas.

§ 4º Na Educação Escolar Quilombola, as propostas educativas de EJA, numa perspectiva de formação ampla devem favorecer o desenvolvimento de educação profissional que possibilite aos jovens adultos e idosos quilombolas atuarem nas atividades socioeconômicas e culturais de suas comunidades com vistas ao fortalecimento do protagonismo quilombola e da sustentabilidade de seus territórios. (Diretrizes Curriculares, 2012, p. 11).

Com base nas Diretrizes Curriculares se entende que é preciso levar em conta as especificidades dos sujeitos quilombolas, devem ser prioritariamente consideradas em toda e qualquer realidade comunitária do público específico da EJA. Exige-se dos docentes uma apurada sensibilidade para poder trabalhar com este público específico e com essas questões, tornando-as oportunidade pedagógica para a sua prática docente.

Desta forma, se decidiu trabalhar, metodologicamente acompanhado da técnica de investigação, com entrevistas semiestruturada de caráter qualitativo, com questionários semiabertos, com perguntas preestabelecidas, as quais se consideram fundamentais. Cabe salientar que também houve uma liberdade para formular novas perguntas tornando as respostas mais completas, com relação ao tipo de questões. Foi realizado um total de 10 entrevistas, no período de 04 de janeiro de 2015 a 10 de fevereiro de 2015, relativas às causas que levaram os alunos a deixarem a escola, a importância do estudo para os entrevistados, as condições para chegar à escola e a necessidade de se instituir a EJA na comunidade como modalidade de ensino.

Pautamos as entrevistas no ritmo do entrevistado, procurando não interromper o seu raciocínio, readaptar suas ideias, partindo do que está sendo relatado, em resumo, a pesquisadora se baseou no ato de estar disposta a ouvir. As entrevistas foram realizadas com pessoas de diferentes idades, gêneros e profissões. A maioria dos entrevistados são agricultores, apenas 20% (vinte por cento) não se enquadram neste perfil, destacamos as duas professoras, que residem na comunidade, mas não estão registradas como quilombolas.

Os relatos da professora Zaida Carvalho Santos, que iniciou suas atividades na comunidade no ano de 1974, nos propiciou conhecimentos significativos para a pesquisa, pois ela descreveu as dificuldades de se trabalhar com turmas multisseriadas, as condições precárias de infraestrutura, as necessidades econômicas das famílias, as quais atribuíram em parte como responsáveis pela evasão escolar dos alunos, nas palavras da professora: *“Naquela época os pais não davam muita importância se os filhos não quisessem estudar, não faziam esforços para*



mantê-los estudando, sabendo lê já tava bom, também não era fácil sair da comunidade para estudar na cidade”. (Zaida Carvalho Santos, 64 anos)¹². Na verdade, os filhos precisavam ajudar nos trabalhos domésticos e nas lavouras, para suprir as necessidades familiares.

Considerações finais

Desse modo, mesmo diante de condições pouco favorável, percebe-se o desejo, na fala da maioria dos entrevistados da comunidade quilombolas, em dar continuidade aos estudos, não com o objetivo de sair comunidade e construir uma nova realidade em outro espaço social, mas sim, aprimorar os estudos com o intuito de melhorar a realidade da própria comunidade, da família e promover a garantia de direitos para os mesmos, o que nos permite inferir que há uma relação identitária entre sujeitos e comunidade.

Portanto, para que a EJA tenha efetividade nessa comunidade, e nas demais é necessário que os conteúdos, sejam elaborados, construídos a partir de uma visão trans/interdisciplinar levando em conta o contexto dos alunos da EJA na comunidade quilombola São Roque, agregando os seus saberes, as suas memórias na formação de uma proposta curricular que problematize e que sistematize o universo dos sujeitos envolvidos, para que seja possível a promoção da conscientização desses como sujeitos capazes de fazerem a leitura de seu mundo.

REFERÊNCIAS

ARAGÃO, Milena; et al. **A história oral e suas contribuições para o estudo das culturas escolares.** In: Conjectura: Filos. Educ., Caxias do Sul, v. 18, n. 2, p. 28-41, maio/ago. 2013

ARROYO, Miguel González. **Educação de Jovens-Adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública.** In Diálogos na Educação de Jovens e Adultos. SOARES, Leôncio; GIOVANETTI, Maria Amélia; GOMES, Nilma Lino. São Paulo: Ática, 2005, p.19.

BRIGHTWELL, Maria Das Graças Santos Luiz. **OS PARQUES NACIONAIS DE APARADOS DA SERRA E SERRA GERAL E O MUNICÍPIO DE PRAIA GRANDE/ SC: DIMENSÕES ESCALARES E CONFLITOS.** (Dissertação de mestrado) Florianópolis, 2006.

BRASIL. **Certidão de Auto-Reconhecimento.** Fundação Cultural Palmares, In:

¹² Entrevista concedida por Zaida Carvalho Santos, 64 anos a pesquisadora em: 10/02/2015.



Ministério da Cultura. Brasília - DF, 2004). Disponível em: [_____. Ministério da Educação e Cultura. Conselho Nacional de Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica. MEC/CNE/CEB, 2012, p.7.](http://www.palmares.gov.br/Certidão de Auto Reconhecimento, expedida pela Fundação Cultural dos Palmares, conforme art. 1º da Lei n.º 7.668 de 22 de agosto de 1988.</p></div><div data-bbox=)

_____. *Decreto Nº 4.887, DE 20 DE NOVEMBRO DE 2003*. Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2003/d4887.htm. Acesso em: 20/agosto de 2014

_____. Diretrizes. Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola: algumas informações. 2012. Disponível em: http://www.mp.ro.gov.br/c/document_library/get_file?p_l_id=1884483&folderId=1931754&name=DLFE-57714.pdf. Acesso em: 17/abril/2014.

_____. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf. Acesso em 29/03/2015.

Classes multisseriadas. Disponível em: <http://www.webartigos.com/artigos/as-classes-multisseriadas-no-contexto-da-educacao-do-campo/124765/#ixzz4SdurIBPk>. Acesso em: 01/02/2015.

DANTAS, Ronne Von de Medeiros. **Motivos da Evasão dos Alunos da EJA**. Disponível em: santaritafm.com/index.php?option=com.id.evasao...eja. Acesso em: 20/08/2014.

FERNANDEZ; et al. **Quilombos no Sul do Brasil: São Roque** In: NUER. Boletim Informativo do NUER, Florianópolis: NUER; UFSC, v. 3, n. 3, p.131-185, 2006.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. *Apresentação*. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. **Usos & abusos da história oral**. 8.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

FERREIRA, Marieta de M.; AMADO, Janaina; (org). “Apresentação” in *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: ed. Fundação Getúlio Vargas, 1998, pp vii – xxv.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

FUNDAÇÃO BANCO DO BRASIL. **Sobre o BB Educar. O que é**. Disponível em: <http://www.fbb.org.br/bbeducar/pages/publico/pubSobre1.jsp>. Acesso em: 29/abril/2014

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia – Saberes Necessários à Prática Educativa**. 25ª Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HADDAD, Sérgio; DI PIERRO, Maria Clara. **Escolarização de jovens e adultos**. Revista Brasileira de Educação, n. 14, maio-ago 2000, p.108-130.



MARTINS, H. H. T. de S. **Metodologia qualitativa de pesquisa**. In. Revista educação e pesquisa, v. 30, n. 2, 2004.

MOURA, Clóvis. **Quilombos: Resistência ao Escravismo**. -3 ed. São Paulo: Ática S. A., 1993.

_____. Clóvis. **Rebeliões da Senzala: Quilombos Insurreição, guerrilhas**. 4.ed. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1988.

Núcleo de Estudos de Identidades e Relações Interétnicas Laboratório de Antropologia Social – PPGAS/UFSC. Florianópolis, 2011.

PÁDUA, José Augusto. **Um sopro de destruição. Pensamento político e crítica ambiental no Brasil escravista (1786-1888)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

REIS, João José; SILVA, Eduardo. **O levante dos malês: uma interpretação política. Negociação e conflito: a resistência negra no Brasil escravista**. São Paulo: Cia. das Letras, p. 136-161, 1999.

SANTOS, A. R. dos. **Metodologia científica: a construção do conhecimento**. 7. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Adilson Rodrigues. **Fenômeno quilombola: a constituição da identidade cultural negra**. Revista África e Africanidades, RJ, ano 3, n. 9, maio 2010. Coluna Sala de Aula. Disponível em: http://www.africaeaficanidades.com/documentos/Fenomeno_quilombo_la.pdf Acesso em: 2 Mai. 2014.

SOUSA, A. B. **Investigação em Educação**. Lisboa: Livros Horizonte Tuckman, B. W. (1978) *Conducting Educational Research*, 2ª Edição. USA: Harcourt Brace Jovanovich, inc. Vieira, C.M C. & Lima, M. P. (1998) *Metodologia da Investigação Científica – Caderno de textos de apoio*, 6ª Edição. Coimbra: 2005.

TEDESCO, João C. **Nas Cercanias da Memória: temporalidade, experiência e narração**. Passo Fundo, RS: UPF; Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2004.

QUEIROZ, L. D. **Um estudo sobre a evasão escolar: para se pensar na inclusão escolar**. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, Brasília, v. 64, n. 147, p. 3869, maioago. 2006.



ALFAEJA
III Encontro Internacional de Alfabetização
e Educação de Jovens e Adultos